

Referendo Hebe

J. Roberto Whitaker Penteado

Aparentemente vem aí um referendo, que - de acordo com a revista *Veja* - vai custar aos contribuintes cerca de 200 milhões de reais, para tratar de um assunto que - ainda de acordo com a mesma fonte - representa menos de 10 milhões de reais por ano: a venda legal de armas para civis (7.219 unidades em 2004)

Veja publicou isso na sua edição da semana passada, acrescentando, ainda, que (1) as armas vendidas legalmente o foram para todos os consumidores desse tipo de produto, no Brasil, o que inclui, além dos esportistas e caçadores, policiais, promotores e juizes, para seu uso pessoal e (2) que a estimativa para o número de armas ilegais em circulação no país é de 8.700.000 de unidades. Ainda bem que uma revista de grande circulação e prestígio, como *Veja*, faz essa pesquisa, pois assim - quem sabe - mais pessoas poderão desconfiar desse novo embuste em preparação pelos políticos, com objetivos malandros e/ou desonestos, ou por burrice mesmo.

Referendo é coisa para país sério, com população pequena, ordeira e educada. As experiências que tivemos, nos últimos 30 ou 40 anos - ambas sobre o sistema de governo - para nada serviram. Somos 122 milhões de eleitores, onde cerca de 75% têm pouca instrução - a grande maioria não cursou sequer o primário. É por isso que as eleições majoritárias - aqui - para presidente, governador e prefeito - dão no que dão. (As proporcionais também, já que também só teremos um representante decente para cada três severinos ou inocências).

Para ilustrar: a Dinamarca e a Suécia - através de referendos - optaram por não adotar o Euro e manter as suas moedas próprias; a Noruega e a Suíça escolheram ficar de fora da própria Comunidade Européia e vão muito bem obrigado. Aliás, a Suíça, país campeão de referendos (coisa fácil de fazer num território pequeno, com pouca gente e muita tecnologia), é também o país que tem a população mais bem-armada do mundo: cada cidadão homem é obrigado a manter em casa um rifle e munições, entre os 18 e os 65 anos, pois poderá ser chamado a qualquer momento para ajudar a defender o país. Depois dos 65, a guarda da arma é opcional.

Um médico brasileiro, José de Arimatéia Macedo, coligiu uma estatística estarrecedora - que estava sendo distribuída pela internet: no século 20, chegou a 60 milhões o número de pessoas que perderam a vida por assassinato ou execução, nos países que resolveram desarmar a população ordeira, deixando-a indefesa. Sua lógica é imbatível: a população ordeira entrega as suas armas; os bandidos ignoram leis e referendos.

Além disso, suspeita-se da forma como se pretende formular a pergunta: algo como você é a favor da proibição da venda de armas de fogo em todo o território nacional? Lembra uma expressão criada por Homero Icaza Sanchez - grande especialista em pesquisas: a "pergunta Hebe Camargo". Segundo HIZ, no seu programa, Hebe recebe alguém que esteve em Paris perguntando: "Fulano, você que esteve na cidade luz, contemplando suas maravilhas arquitetônicas, provando as delícias da sua culinária, admirando seus museus inigualáveis - o que achou da sua estadia?" Imagine se alguém vai dizer: achei uma droga!?

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Referendo Hebe. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=255&ID=265>>. Acesso em: 4 set. 2009.